

Comentário mensal Dez/2025

Joule Apadma FIM

Quando o preço vence a narrativa

O retorno não veio da convicção macro, mas do preço, da resiliência e da seleção.

O início de 2025 foi marcado por um consenso raro e raramente correto. Em meio a juros reais extremamente elevados, ruído fiscal persistente e um ambiente político percebido como pouco construtivo, a narrativa dominante era a de que ações haviam deixado de ser uma alternativa relevante de investimento. O ceticismo com a Bolsa brasileira era generalizado, tanto no investidor local quanto no estrangeiro, e a aversão ao risco parecia plenamente justificada pelo noticiário e pelos preços recentes.

Nesse contexto, a alocação em renda variável era vista menos como uma decisão racional e mais como um ato de fé. Poucos acreditavam que o ano entregaria retornos relevantes, e menos ainda que isso pudesse ocorrer sem uma mudança clara de regime macroeconômico ou político. Ainda assim, foi exatamente nesse ambiente que os preços passaram a contar uma história diferente daquela narrada pelo consenso.

Com uma valorização de 47,98%, o desempenho do fundo ao longo de 2025 não foi fruto de uma leitura antecipada de inflexões macro, tampouco de uma aposta direcional em cenários políticos. Ele foi consequência direta de um ponto de partida extremamente assimétrico: preços comprimidos, expectativas baixas e negócios que haviam atravessado, com sucesso, alguns dos períodos mais desafiadores das últimas décadas em termos de custo de capital.

Após anos de juros elevados, acesso restrito a financiamento e múltiplas rodadas de desalavancagem forçada, muitas empresas simplesmente ficaram pelo caminho. As que sobreviveram passaram por ajustes profundos: operacionais, financeiros e estratégicos. Reduziram riscos, priorizaram retorno sobre crescimento, reforçaram balanços e aprenderam a operar em um ambiente hostil. Esse processo, embora pouco visível no curto prazo, criou um ativo valioso: **sobreviver virou vantagem competitiva**.

Foi a partir dessa seleção, quase um survival ship bias natural do mercado, que se construiu a base do retorno de 2025. Não compramos histórias promissoras nem teses dependentes de cenários perfeitos. Diferentemente do que fizemos em outros momentos, quando, embora corretos no diagnóstico, buscamos arbitrar a compressão futura do custo de capital a partir da constatação de que um custo de equity próximo a 20% ao ano não é sustentável no longo prazo, desta vez partimos de uma realidade já testada. Compramos empresas que sobreviveram quando o custo do erro era alto, tanto para elas quanto para o investidor, e que, por isso mesmo, passaram a oferecer uma combinação rara de qualidade operacional e valuation extremamente descontado.

Nesse tipo de escolha, o downside deixa de ser função de esperança e passa a ser limitado pelo preço. A margem de segurança não vem da previsão do futuro, mas da distância entre o valor intrínseco dos negócios e o nível de pessimismo embutido nas cotações. Foi essa assimetria (e não a convicção macro) que permitiu capturar retornos relevantes em um ano no qual poucos acreditavam que isso fosse possível.

A janela que o mercado insiste em ignorar

Probabilidade não é promessa, mas ignorá-la costuma ser caro.

Se 2025 foi um ano em que o preço venceu a narrativa, a pergunta natural passa a ser: **em que contextos isso costuma acontecer?**

Ao longo do tempo, o mercado tende a supervalorizar narrativas e subestimar padrões. Histórias são mais fáceis de contar do que probabilidades, e eventos chamativos costumam falar mais alto do que processos silenciosos. Ainda assim, quando olhamos para o comportamento histórico da Bolsa brasileira, fica claro que existem momentos raros em que os fundamentos domésticos se alinham de forma suficientemente clara para deslocar a distribuição de retornos de maneira relevante.

A ideia de que **inflação em queda, juros em queda e crescimento econômico formam um ambiente favorável** para ativos de risco parece quase óbvia quando observada no retrovisor. O curioso é que, ex ante, esses sinais costumam ser amplamente ignorados — justamente porque são variáveis macroeconômicas, e não preços de tela.

Foi a partir dessa constatação que desenvolvemos um exercício simples, mas bastante informativo, que chamamos de **“Brasil por Ele Mesmo”** (para ver em detalhe o histórico desse período e a regressão logística acesse este [Link](#)). A ambição aqui nunca foi prever níveis de índice ou estimar retornos pontuais, mas responder a uma pergunta mais honesta: em que contextos a probabilidade de a Bolsa subir é estruturalmente maior?

Esse “estudo” também nos ajuda a explicar nossa visão bullish para Bolsa em 2026.

Para isso, organizamos os últimos **32 anos** da economia brasileira e observamos, ano a ano, o comportamento de quatro variáveis: inflação (IPCA), taxa de juros (Selic), crescimento do PIB e retorno do Ibovespa.

Definimos como “alinhamento virtuoso” os anos em que três condições ocorreram simultaneamente: inflação em queda, juros em queda e PIB em crescimento. Esse alinhamento é raro: ocorreu apenas **nove vezes** em mais de três décadas. Em três desses episódios, choques externos de grande magnitude — como a crise do México (1995), a crise da Rússia (1998) e o estouro da bolha da Nasdaq (2000) — se sobrepuseram aos fundamentos domésticos.

Quando excluímos esses eventos exógenos e observamos apenas os anos em que o Brasil operou, de fato, “por ele mesmo”, restam **seis anos**, e em **todos eles** a Bolsa apresentou retorno positivo. O exercício deixa de ser curiosidade estatística e passa a funcionar como um mapa de probabilidade.

Em linhas gerais, é esse o cenário que começa a se desenhar para 2026: inflação em queda, juros em trajetória de redução e atividade econômica resiliente. Nem cabe aqui disputar quanto o juros poderá cair, não se trata de uma promessa de retorno, mas de identificar uma janela de oportunidade que, historicamente, o mercado tende a reconhecer tarde demais.

O mundo não atrapalha — e pode até ajudar

O cenário externo hoje limita extremos negativos e abre espaço para surpresas positivas.

Ao olhar para o ambiente global, é natural buscar no exterior as respostas definitivas para o comportamento dos mercados domésticos. Em 2025, boa parte da cautela com ativos de risco veio justamente dessa leitura: crescimento elevado nos Estados Unidos, inflação ainda acima da meta e um mercado de trabalho resiliente pareciam limitar o espaço para uma política monetária mais acomodatória.

A fotografia atual é mais sutil. O crescimento americano apresenta características de pico cíclico, enquanto o Federal Reserve passou a operar de forma mais defensiva, reagindo a sinais de desaceleração em vez de tentar calibrar o ciclo com precisão excessiva. Nesse contexto, o risco hoje parece menos associado a um aperto monetário adicional e mais à possibilidade de uma postura mais dovish do que o consenso antecipa.

Caso isso ocorra, juros longos nos EUA podem surpreender para baixo, criando tailwinds adicionais para ativos de risco, especialmente em mercados emergentes. O cenário externo, portanto, não invalida a tese doméstica; ao contrário, reduz a probabilidade de choques severos e, em alguns cenários, pode reforçar a assimetria positiva.

Assimetria também nasce da estrutura do mercado

Quando valuation extremo encontra um mercado raso, pequenos fluxos fazem grande diferença.

Boa parte dos ciclos mais fortes da Bolsa brasileira não começa com euforia, mas com ausência: de liquidez, de interesse e de compradores marginais. Após anos de saída estrutural de recursos da renda variável, o mercado tornou-se raso, pouco arbitrado e incapaz de absorver mudanças de fluxo de forma gradual.

Esse processo gerou distorções relevantes. As small caps passaram a negociar a múltiplos historicamente deprimidos, atingindo um desconto extremo em relação ao Ibovespa. Em bases históricas, uma simples normalização dessa relação implicaria uma correção da ordem de **60%** das small caps frente ao índice. Caso o mercado principal também avance, esse potencial pode ser ainda maior.

Quando a reversão de fluxo ocorre em um mercado com pouca profundidade, o ajuste de preços tende a ser abrupto. Dividendos extraordinários, queda de juros e reavaliação gradual da renda variável encontram uma “porta pequena”. O resultado é convexidade.

Em um mercado com valuation extremo e pouca liquidez, a reversão de fluxo **não ajusta preços aos poucos, redefine o patamar.**

Convicção construída no preço, confirmada na execução

O portfólio como evidência empírica da tese.

Nosso fundo apresentou valorização de **48% em 2025 (contra 33,95% do Ibovespa)** com aproximadamente metade da performance explicada pela correção de posições no setor de incorporação imobiliária e a outra metade distribuída entre **19 empresas** com diferentes motores de resultado. O número expressivo de posições que deram certo, demonstra a farta oferta que tínhamos para escolher.

Entre as poucas e inexpressivas detratoras de retorno, temos a Microsoft, a Brava e a Amazon. As duas americanas representaram um hedge importante para nós ao longo do ano, que certamente reduziu a volatilidade da nossa cota. Não poderíamos estar mais satisfeitos com a performance do Fundo não apenas pela seleção, mas também pela alocação que conseguimos calibrar ao longo do ano. Para 2026, não temos dúvida de que resta muita correção para acontecer.

Pincelando algumas das nossas posições, destacamos:

Moura Dubeux iniciou o ano negociando a cerca de **2–3x lucro**, com valor de mercado próximo a **R\$ 850 milhões**. As ações subiram aproximadamente **167%**, impulsionadas por lucro que superou **R\$ 420 milhões** e dividendos de **R\$ 350 milhões**, equivalentes a **41% de dividend yield** sobre o preço inicial.

Trisul avançou cerca de **120%** no ano e distribuiu dividendos equivalentes a **30% do valor de mercado** no início de 2025. A execução operacional confirmou um negócio mais robusto do que o preço indicava.

Movida apresentou melhora consistente de margens, controle de depreciação e desalavancagem, com expectativa de expansão do spread de ROIC para **4,5–6,0 p.p.**, ainda não refletida nos múltiplos.

Unifique opera com margens EBITDA próximas a **50%**, negociando a **3,3x EV/EBITDA 2026**, contra **7–8x** em transações privadas comparáveis, com potencial de valorização superior a **100%**.

Micron adiciona uma camada internacional, negociando a **6–7x EV/EBITDA**, com free cash flow yield estimado entre **7% e 10%**, em um ciclo estruturalmente distinto do passado.

O elemento comum é claro: negócios que conhecemos com profundidade, adquiridos a preços que contrastam visivelmente com a sua capacidade de geração de lucros e caixa, algo que limita o downside. Nesse momento, nos damos ao luxo de carregar apenas o que “está entregando”, não precisamos investir em reversões (viradas operacionais) e arbitragens de realidades de curto e longo prazo algo que, habitualmente, é parte necessária de um gestor ativo de renda variável.

Mensagem final ao leitor

Ao longo dos últimos trinta anos, poucas vezes vimos um alinhamento tão singular de condições quanto o atual. Valuations comprimidos por anos de desalocação, um mercado raso em liquidez, empresas que sobreviveram a um dos ambientes de custo de capital mais elevados da história recente e um cenário macro que começa a se reorganizar após um período excepcionalmente desafiador.

Momentos como esse não costumam ser confortáveis nem óbvios. Eles surgem quando o consenso ainda está cético e quando o risco percebido parece maior do que o risco efetivo. É justamente por isso que tendem a oferecer assimetria.

O ganho não se consolida quando se vende. Ele se constrói quando se compra bem: com disciplina, análise e paciência. É esse o enquadramento que orienta nossas decisões hoje — e que continuará orientando nossa alocação à frente.

Aos nossos cotistas, uma recomendação prudente: mantenham suas posições em renda variável no mínimo neutras em relação ao seu tamanho histórico anterior aos últimos três anos. Podemos estar diante de uma oportunidade rara nas últimas décadas. Enquanto o resultado eleitoral pode e deve permanecer incerto até a apuração das urnas em novembro, há muita correção a ser feita no preço de muitas empresas de capital aberto. Aproveitem a janela de oportunidade.

São Paulo, 12 de janeiro de 2026.



José Luiz Junqueira

Gestor de Renda Variável e CIO da Joule Asset Management

joule
asset management

Relatório mensal Fechamento Dez/2025

Cota atualizada em: 30/12/2025
Divulgado em: 02/01/2026

Joule Apadma FIM

Objetivo e Política de Investimento

Joule Apadma FIM é um fundo multimercado com estratégia de *trend following*, busca capturar ganhos através da análise de *momentum* de curto prazo (tendência de continuidade de movimentos). Investe em ativos financeiros de diversas classes como renda variável (ações e *ETFs*), juros e moedas no Brasil e em mercados globais (*offshore*).

O principal objetivo do fundo é gerar retornos consistentes acima do CDI (*benchmark*) em qualquer prazo, descorrelacionados com índices de mercados, sem exposição direcional e mantendo a volatilidade esperada entre 1% e 4% ao ano. A política de investimento do Joule Apadma FIM é não-direcional, gerido a partir da disciplina e comprovada experiência do gestor.

O Fundo Joule Apadma FIM representa uma boa alternativa de investimento de curto, médio ou longo prazos.

Público-alvo

Investidores de forma geral que buscam retornos consistentes acima do CDI, descorrelacionados de índices de mercados, e com baixo risco/volatilidade.

Características do Fundo

- Data de Início: 27/12/2018
- Taxa de Administração: 2% ao ano sobre o patrimônio líquido
- Taxa de Performance: 20% da rentabilidade acima do CDI (com linha d'água)
- Taxa de Ingresso ou Saída: Não há
- Aplicação Mínima: R\$ 1.000,00
- Movimentação Mínima: R\$ 500,00
- Prazo de Resgate: Financeiro D+3 (cotização D+2)
- Prazo de Carência: Não há
- Tributação: Alíquota de 22,5% a 15% sobre o ganho líquido de acordo com o prazo, retido na fonte no ato do resgate, já deduzidas as taxas de administração e performance
- Classe / Tipo ANBIMA: Multimercados / Multimercados Livre

Administrador:
SINGULARE CORRETORA DE
TÍTULOS E VALORES
MOBILIÁRIOS S.A.

Gestão:
Joule Asset Management

Dados para investimento:
Favorecido: JOULE APADMA FIM
CNPJ: 30.282.464/0001-07
BANCO SINGULARE (363)
Agência: 0001
Conta Corrente: 0042805-4

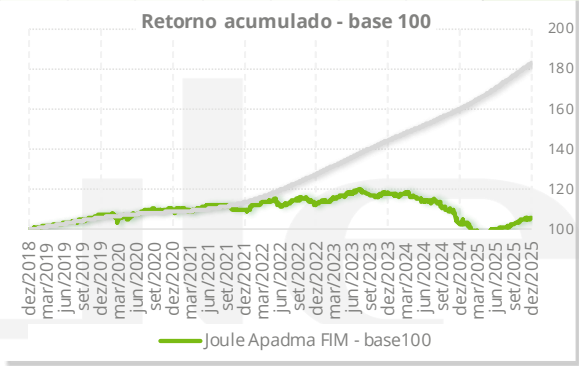
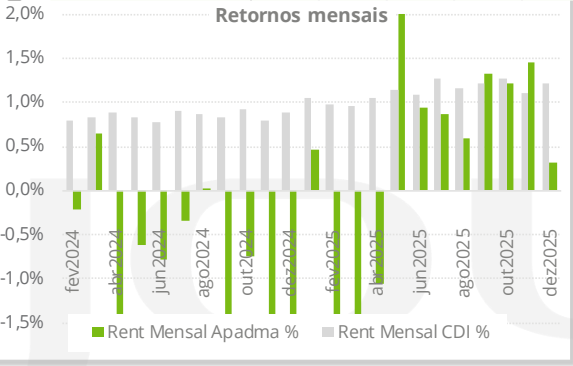
Para acessar o sumário da remuneração de prestadores de serviço clique [aqui](#).

Desempenho Histórico Joule Apadma FIM

Joule Apadma FIM										
	Data:	Valor da cota	Pat. Líq. - R\$	Var. Mês	Var. Ano	03 meses	06 meses	12 meses	24 meses	Desde o Início
Joule Apadma FIM	30/12/2025	1.059,55576291	9.854.693,00	0,29	2,96	3,02	5,93	2,76	-10,44	5,96
CDI	30/12/2025	1950,72	n.a.	1,22	14,44	3,65	7,49	14,49	26,88	83,29
%do CDI				23,77	20,50	82,91	79,18	19,05	-38,84	7,16

Histórico de Rentabilidade:

	retorno %	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	No ano
2018	Joule Apadma FIM												0,21 *	0,21
	CDI												0,02 *	0,02
2019	Joule Apadma FIM	0,88	0,78	0,29	0,44	0,38	0,28	0,55	0,71	0,13	0,98	0,81	1,03	7,49
	CDI	0,57	0,49	0,47	0,52	0,54	0,47	0,57	0,50	0,46	0,48	0,38	0,36	5,97
2020	Joule Apadma FIM	-0,26	-0,43	-1,03	0,47	0,71	0,50	1,53	0,46	-0,27	-0,32	0,88	0,03	2,28
	CDI	0,39	0,29	0,34	0,28	0,24	0,21	0,19	0,16	0,16	0,16	0,15	0,16	2,77
2021	Joule Apadma FIM	0,12	-0,23	-0,73	0,87	1,19	0,79	-0,12	-0,17	-0,59	-1,70	0,33	0,11	-0,17
	CDI	0,16	0,13	0,20	0,21	0,27	0,31	0,36	0,43	0,44	0,49	0,59	0,73	4,40
2022	Joule Apadma FIM	1,76	0,38	1,39	0,26	0,76	-2,24	-0,18	2,18	0,19	0,68	-1,31	-0,81	3,00
	CDI	0,77	0,76	0,93	0,83	1,03	1,02	1,03	1,17	1,07	1,02	1,02	1,07	12,37
2023	Joule Apadma FIM	1,33	-0,59	1,45	0,93	1,11	0,33	1,34	-1,24	-1,07	-1,01	1,84	0,02	4,44
	CDI	1,17	0,92	1,17	0,92	1,12	1,07	1,07	1,14	0,97	1,00	0,92	0,85	13,05
2024	Joule Apadma FIM	-0,46	-0,22	0,65	-1,85	-0,62	-0,79	-0,34	0,03	-2,82	-0,74	-1,46	-5,13	-13,02
	CDI	1,01	0,80	0,83	0,89	0,83	0,79	0,91	0,87	0,84	0,93	0,79	0,89	10,87
25	Joule Apadma FIM	0,47	-3,61	-1,47	-1,05	2,02	0,95	0,87	0,59	1,33	1,22	1,45	0,33	3,00



Risco

O Joule Apadma FIM busca manter baixa volatilidade, *target* do fundo é de 3% a.a. não ultrapassando 5% a.a.

Risco	Apadma	CDI
Volatilidade anual - desde o início	3,56%	0,27%
Volatilidade anual - últ. 3 meses	3,02%	0,29%
Sharpe - desde o início	-2,31	n.a.
Sharpe - últimos 3 meses	-0,91	n.a.
Maior retorno mensal	2,18%	1,28%
Menor retorno mensal	-5,13%	0,02%
Meses positivos	53	85
Meses negativos	32	0
Meses acima do CDI %	31,8%	n.a.
Meses abaixo do CDI %	68,2%	

Volatilidade 3 meses - anualizada a partir de dados diários



Patrimônio Líquido

	Apadma
Patrimônio líquido	9.822.908,11
Patrimônio líquido médio 12 meses	9.894.316,91
Atualizado em:	31/12/2025

Joule Asset Management

Rua Iguatemi, 192, cj 163

01451-010 . Itaim Bibi . SP

Atendimento: 11 3045 1647 ou contato@jouleinvest.com.br

www.jouleinvest.com.br



Importante:

Rentabilidade obtida no passado não representa garantia de resultados futuros.

A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos.

O investimento em Fundo não é garantido pelo Fundo Garantidor de Crédito, FGC.

A Joule Asset Management não intermedia, comercializa ou distribui quaisquer quotas de clubes, fundos ou qualquer outro ativo financeiro.

Informamos que os sócios da Joule Asset Management possuem investimentos nos fundos geridos pela empresa.

Todas as informações contidas nesse relatório têm caráter meramente informativo e, portanto, não devem ser consideradas ofertas de venda ou compra e cotas do fundo ou qualquer título ou valor mobiliário. As projeções, opiniões e valores expressos nesse relatório foram elaboradas no momento da sua publicação e estão sujeitas a alteração sem aviso prévio.

É recomendada a leitura detalhada do Regulamento do fundo que pode ser obtido em nosso website: www.jouleinvest.com.br.

Informações sobre Distribuição e Administração poderão ser obtidas junto à sua Administração e Distribuidora: Singulare Corretora de Títulos e Valores Mobiliários S.A.; Av. Brigadeiro Faria Lima, 1,355 – 5º andar, São Paulo – SP. Tel/Fax: 0800 729 7272. Website: www.singulare.com.br